

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SECULO



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.ª

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 43—LISBOA

Na serra da Estrela



MEDITANDO:

— Ai que sitio tão discreto
 P'ra atirar d'aqui abaixo
 O meu amigo dileto
 Manuel de Brito Camacho!

PALESTRA AMENA

A torre de Belem

Mal o *Suplemento Humorístico do Seculo*, hoje *Seculo Comico*, viu a luz gloriosa do ceu de Portugal, soltou, com os primeiros vagidos, a seguinte frase:

—Desembarce-se a torre de Belem da negra visinhança do gazometro do Bom Sucesso.

E por aí fóra, em campanha persistente, o *Suplemento* foi multiplicando argumentos a favor de tão sagrada causa, apoiado por toda a gente, obtendo aplausos, mas sem que as autoridades que tinham interferência no assunto se resolvessem a satisfazer a vontade geral.

Fatigou-se o *Suplemento*, passaram anos, a torre foi enegrecendo, o eixo da terra girou nos gonzos milhares de vezes, e eis que resurge a questão.

Entidades artisticas teimam pela remoção do gazometro, como sendo crime de lesa-arte a sua permanência junto da torre, entidades civis ou militares secundam o protesto, por motivos estrategicos, entidades administrativas asseguram que as fabricas da Companhia estão fóra da lei tudo clama, mas quem tem força para se impôr á Companhia não se move, continuando impavido o painelão do Bom Sucesso, como sentinela vig lante do desleixo nacional.

Tivesse o leitor um simples chapéu alto a interceptar o panorama que se avista das janelas dos membros do governo e veria como o penante seria intimidado a desviar-se; escreva o leitor nas folhas periodicas um traço que fira a visão da Censura e ele será imediatamente riscado e anulado. Ofenderá d'esse modo a estetica especial de corporações melindrosas, enquanto que a Companhia do Gaz, com a avetasma do Bom Sucesso mascarando a Torre de Belem, não ofende coisa alguma, antes dá a quem entra a barra a idéa de que está em presença de uma nação que, acima de tudo, presa a força, que não sacrifica a grandeza das moles informes á pieguice dissolvente dos rendilhados.

No entanto é nossa convicção que o painelão desaparecerá dentro de periodo mais ou menos longo. Outros aleijões teem desaparecido, em circumstancias analogas, isto é, porque vão de encontro ao bom senso, porque ofendem a consciencia publica. Os aleijões teimam, agarram-se á vida, mas um dia caem fatalmente: é quando se reconhece que nada se obtém pelo caminho direito.

Não era mais pequena nem menos repugnante a mole da Bastilha e ela foi demolida n'um abrir e fechar de olhos. Depois seguem-se as palmas, a aprovação unanime e fica-se admirado de que ha mais tempo não tenha ocorrido semelhante remedio.

Não aprovamos violencias, mas estamos tão habituados a elas, que não nos surpreenderiamos se, ao acordarmos um belo dia ouvissemos dizer:

—Lá deitaram a baixo o gazometro de Belem.

... A não ser que o sr. administrador do 4.º bairro se antecipe, com a boa vontade que mostra ter, sem esperar por autorisação superior; a absolvição virá depois, com toda a certeza, acompanhada da nossa homenagem na secção *Em foco*, que foi criada para os heroes.

Vamos! mãos á picareta, sr. dr. Alberto Xavier!

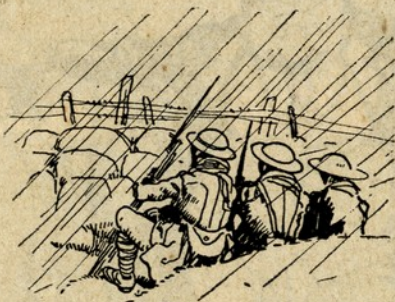
J. Neutral.

Inventos

Andam os sabios na natura muito intrigados porque as chuvas junto dos campos de batalha coincidem com os canhoneios aturados e de aí depreendem relações entre os dois factos, sem que, contudo, as explicações até agora apresenta as satisfações completamente sob o ponto de vista científico.

Pois lá vai a verdade, se a censura a deixar passar, porque se trata de um ardid de guerra cuja revelação talvez seja inconveniente.

Trata-se do seguinte: os alemães disparam para o alto em vez de balas metalicas grandes blocos de gelo. O gelo, nas camadas atmosfericas, determina a



condensação do vapor de agua e logo o liquido, pela ação da gravidade, desce sobre os aliados em forma de chuva.

—Com que fim? perguntará o leitor. Hom'essa! para os constipar. D'af a pneumonia e a baixa ao hospital.

O que vale é que o Edison, que viu rapidamente o caso, como nós, já tem na forja uma invenção de efeitos contrarios: consiste n'um canhão que dispara balas dissociadoras—as de gelo são condensadoras—as quais, pela elevadissima temperatura que espalham reduzirão na atmosfera a chuva a vapor de agua.

D'ali, pois, não vai o gato ás filhozes.

DE FÓRA

A FALTA DE AGUA

Faltou em tempo a agua do Alviela
E não desculpo o criminoso intento
De faltarem com ela no momento
Em que todo o paiz pede barrela.

Bem sei, amigos, que faltando aquela
Não nos falta de todo esse elemento,
E tanto que sómente andou sedento
Quem quiz atormentar a sua guela.

Quando a vossa garganta andar sequinha
Sei dum remedio, como igual não ha,
Para a mesma depressa pôr fresquinha.

Se entrardes no Bénard ou no Ta'á,
Logo o rosto gentil duma alfacinha
Crescer agua na bôca vos fará.

Bramão de Almeida.

Ovos caros

Como os ovos teem subido ultimamente de preço, d'um modo escandaloso e na intenção de descobrirmos a razão do estranho facto, dirigimo-nos ao Jardim Zoologico onde melhor nos podiam dar as explicações necessarias.

Efetivamente uma interessante galinha, a quem amavelmente fomos apresentados, prestou-se amavelmente á entrevista, sob o olhar d'um galo ciumento.

—V. ex.^a sabe que os ovos estão a quatrocentos e vinte, interrogamos.



—Sei, respondeu a ave. E ainda não de encarecer mais.

—Ora essa! porquê?

—Porque a classe galinacea não é de menor importancia do que outra qualquer. Todas as classes teem feito valer o seu trabalho, não teem?

—Teem e depois?

—E depois, os senhores imaginam que pôr um ovo é menos difficil do que executar qualquer outro trabalho?

—Nunca nos lembrámos d'isso; como não pomos ovos...

—Pois fique sabendo que é doloroso. E além d'isso o que os senhores praticam connosco não é regular.

—Não é regular? porquê?

Nós não pomos ovos para os senhores comerem, mas para que nasçam pintos. Logo o preço d'um ovo, futuro pinto, devia ser pelo menos o d'um frango!

Receando outros argumentos, que venham a concorrer para que paguemos os ovos pelo custo das galinhas, retirámo-nos, ao mesmo tempo que o galo nos fitava com ar de desprezo e, por seu turno, punha tambem um ovo, orgulhosamente.

Germanófilo ou quê?

O parlamento, entre outras coisas de magnitude que praticou, autorisou em 1 de agosto a caça ás rolas e abetardas, mas sómente á espera e sem cão. Até aqui não temos nada a opôr, porque não somos rôlas nem abetardas, mas dizendo a lei que essa autorisação é para «todo o paiz e ilhas adjacentes» ocorre-nos perguntar ao legislador se não considera as ilhas adjacentes como fazendo parte do paiz.

Passa uma pessoa a vida a procurar fórmulas de linguagem que não cáiam sob a ação da censura e o *Diario do Governo* tem d'estas petulancias separatistas sem que se lhe faça o minimo reparo.

Protestamos, com a devida humildade.

A senhora loira

N'um dos sitios mais concorridos da cidade, ás duas horas da tarde. O visconde salta d'um electrico, chega á esquina e pára. Consulta o relógio.

— Bem. Fui pontual. Não deve tardar. *(Tira um espelhinho da algibeira e mira-se)*. Estou muito bem.

Aproxima-se um amigo:

— Oh! visconde! tu por aqui? estás á espera de carro?

O visconde, embaraçado:

— Não. Com franqueza: estou á espera d'uma senhora... Afasta-te, tem paciência.

— Está bem, está bem; eu não sou nenhum empata.

Afasta-se. O visconde:

— Demora-se. *(Levando a mão direita a barriga)*. O' diabo! fiz mal em comer melão ao almoço!

Passam cinco minutos:

— Ai que dôres! Nada, não posso esperar... E se ela vem entretanto?

Chama um garoto que estaciona proximo:

— Queres ganhar um tostão?

— E' para já.

— Então ouve. De aqui a pouco deve aqui aparecer uma senhora loira. Dize-lhe que espere um bocadinho, que o senhor visconde já vem.

— Sim, senhor.

O visconde afasta-se correndo. De aí a tres minutos uma mulher com os cabelos pintados de loiro, d'essas que fi-



guras nos registos policiaes, vai a passar pela esquina. O garoto chama-a.

— Que queres tu?

— O sr. visconde diz que espere um bocadinho, que vem já.

A tipa:

— Estou com sorte.

Mais tres minutos. Chega o visconde.

O garoto:

— Cá está a senhora loira.

O visconde, assombrado:

— Esta?! O' maroto! pois tu deste o meu recado a esta pêga?

A mulher:

— Pêga?! O' seu malcatrefe! Você atreve-se a insultar-me! *(Berrando)*. Ora o pelintra!

Junta-se gente, adivinhando escândalo. O visconde dando dois pontapés no garoto:

— Toma! por tua causa é que é isto tudo!

O garoto aos gritos:

— O' da guarda! Este homem bateu-me!

Vozes, na multidão:

EM FOCO



O Zé Pereira

Em frente á procissão, o Zé Pereira dá sem dó no zabumba e sem cansaço enquanto curveteia pelo espaço. A cana do fogueiro e cai ligeira.

Bate rijo e rebate, de maneira que não sabe de regra nem compasso. É é milagre que á força do seu braço a coirama do bombo fique inteira.

Em vão o abade, em voz altiva e rude manda mais devagar, que o homensinho toma aquela empreitada por virtude.

E por honra, sabida em todo o Minho, só parar em suando meio almude que tanto foi o que bebeu de vinho.

Belmiro.

— E' um apache!

— Quiz matar uma criança!

— Prendam-no!

Desanquem-no!

Correm policiaes:

— Quem é? Onde está o assassino?

Todos, apontando para o visconde:

— E' aquele!

Os policiaes, catrafilando-o:

— Está preso! ande lá p'ra diente!

A vitima:

— E' um engano, camaradas...

Chega a senhora loira, a verdadeira.

O visconde:

— Eu te explico, meu amor...

Levam-no em charola.

A senhora loira, envergonhadissima, metendo-se n'um electrico:

— Se calhar dizia-me que era visconde, mas era algum refinado gatuno!...

(De FALK).

A verdade

Os jornais de 28 do mês passado publicáram o seguinte telegrama:

«Paris, 27.—Passou sobre esta capital uma grande tromba».

No dia seguinte esclareceu-se o caso. O que passara sobre Paris tinha sido o Kaiser, em aeroplano e um soldado portuguez, que o avistou da torre Eiffel, exclamou:

— Olhem para a trombinha d'ele!

De aí a confusão do correspondente telegrafico.

Cautela, meninas!

Certo romancista notavel escusam de procurar o nome, porque isto é uma anedota de um jornal francez—entrou de namorar a menina Heloisa, chegando as coisas a ponto de a ir pedir em casamento.

Heloisa, apesar de ter correspondido ás atenções do romancista, mais por atenção ao talento d'este do que por sentimento amoroso, entendeu que era da sua lealdade responder:

— Não; não aceito. Os nossos genios não se dão e não desejo que o senhor seja infeliz.

Acrescentou Heloisa mais algumas palavras cheias de franqueza e de dignidade, sem reparar que enquanto ella falava o namorado escrevia qualquer coisa n'uma folha de papel.

Por fim, o nosso homem levantou-se da cadeira onde se tinha sentado, meteu o papel na algibeira e apertando a mão de Heloisa disse:

— Obrigado; creia que lhe estou imensamente grato.

Ela, admirada:

— Que diz o senhor?...

— Respondeu-me tão acertadamente que lhe fico eternamente reconhecido.

O caso é este: estou a escrever um romance no qual ha uma menina que regeita, com dignidade, um pedido de casamento. Ora eu desejava saber a resposta exacta que uma rapariga daria n'essas circunstancias, para que a cena tivesse a necessaria realidade, e tenho-me dedicado ultimamente a pedir a mão das donzellas para obter a dita resposta. Comsigo são treze as que tenho namorado e a quem tenho pedido a mão e até agora só a menina Heloisa é que recusou. Mil protestos de gratidão!

Medida de louvar

A mais importante medida governamental promulgada com o fim de remover dificuldades causadas pela guerra é a que proibe a exportação de chifres, para o estrangeiro e que todos os jornais publicaram secamente, sem o



menor comentario nem o mais simples louvor.

Pois andaram mal os jornais. O decreto é muito de elogiar, porque vem resolver, em parte, o problema das subsistencias publicas. Se se autorisasse a saída de chifres, em que demonio havia de chupar o povo portuguez?

Ao menos deixam-no chuchar n'isso.

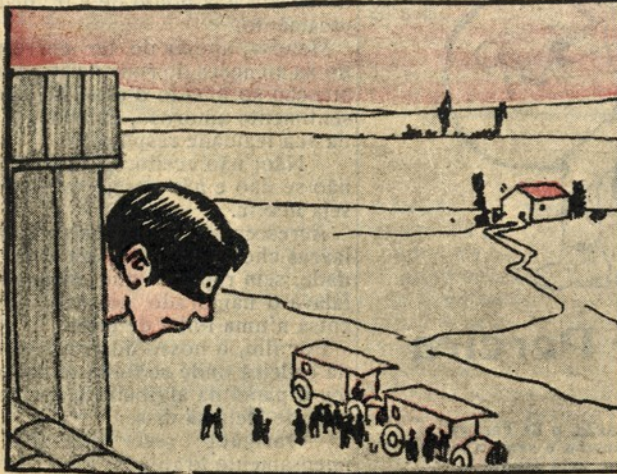
MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

10.^a PARTE

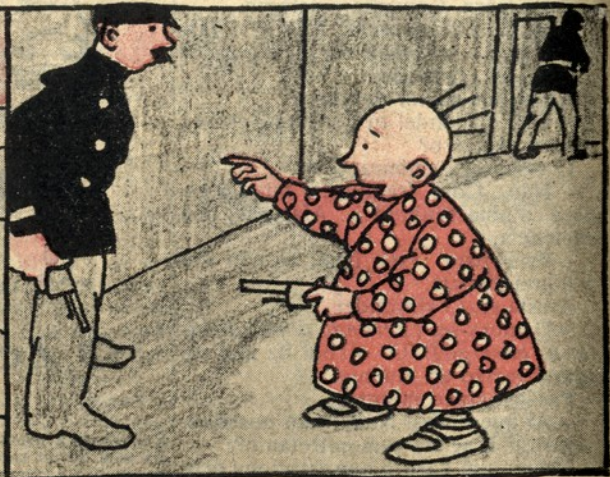
A CHUVA INFERNAL

2.^o EPISÓDIO

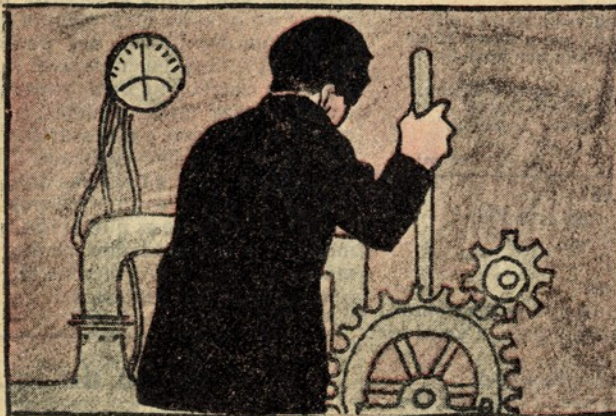
(CONTINUAÇÃO)



1.—Da trapeira da casa o *Homem dos Olhos Tortos* vê a chegada dos *camions* policiaes comandados pelo *Manecas*.



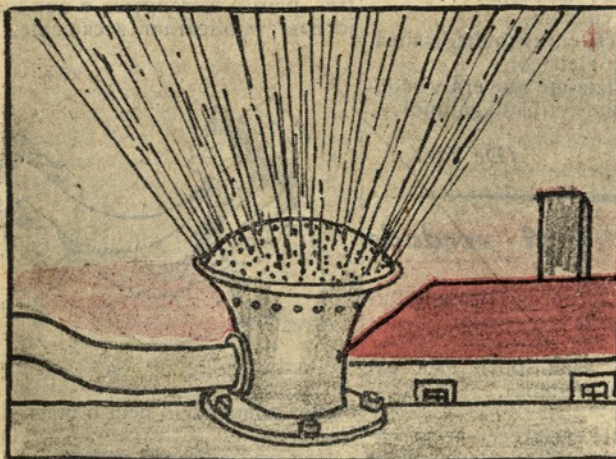
2.—*Manecas* dá as suas ordens para o ataque imediato á casa do *Homem dos Olhos Tortos*.



3.—O *Homem dos Olhos Tortos* desce ao subterraneo e faz funcionar um terrivel maquinismo.



4.—*Manecas* foge horrorizado pois que sobre ele cae uma chuva miudissima, d'estas de molha-tolos, mas d'agua a ferver.



5.—O maquinismo do subterraneo comunicava com uma especie de crivo situado no telhado e de aí é que se projectavam os jactos ardentes.



6.—Vencido o *Manecas*, mas não convencido, medita n'uma vingança terrivel, que em breve porá em pratica.

(Continua).